

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
INSTITUTO DE GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA  
GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

MARCO AURÉLIO GOMES LEITE

**MONUMENTO AO TRABALHADOR E ESTAÇÃO FERROVIÁRIA,  
ARQUEOLOGIA, RESISTÊNCIA E SILENCIAMENTO DE MEMÓRIAS**

GOIÂNIA GO

2021

MARCO AURÉLIO GOMES LEITE

**MONUMENTO AO TRABALHADOR E ESTAÇÃO FERROVIÁRIA,  
ARQUEOLOGIA, RESISTÊNCIA E SILENCIAMENTO DE MEMÓRIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para obtenção do título de graduação em Arqueologia, sob orientação da ME Prof.(a) Cristiane Loriza Dantas.

GOIÂNIA GO

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a minha família, meus pais, meu irmão, minha esposa Vania que com toda certeza foi quem durante esses anos esteve presente diariamente me apoiando e ajudando, já que quase sempre só nos encontrávamos em casa tarde da noite e nos fins de semana me dedicando a tarefas do curso. Aos dedicados professores do curso de Arqueologia, aos quais tive contato bastante próximo, até mesmo em viagens para realização de pesquisas, em especial obrigado a coordenadora do curso e também minha professora e orientadora Cristiane Loriza Dantas, que durante estes anos sempre esteve presente e prestativa. Agradeço também a todos colegas que estão graduando e egressos, aos quais tive convívio e parceria durante o curso de arqueologia.

## RESUMO

As cidades são um processo contínuo de transformação, e esta dinâmica nos remete quase que automaticamente ao desaparecimento de certos momentos culturais, neste sentido as alterações que se deram em determinados locais deixam marcas que podem ser evidenciadas pela arqueologia. O Monumento ao Trabalhador esteve oculto por mais de três décadas, porém as evidências submersas estão presentes, e serão aqui tratadas, trazendo informações sobre uma classe trabalhadora que teve uma estrutura arquitetônica e artística que foi retirada de cena em um silenciamento intencional.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: SIMULAÇÃO DIGITAL MOSTRA A POSIÇÃO EXATA QUE O MONUMENTO AO TRABALHADOR OCUPAVA NO CENTRO DA PRAÇA DO TRABALHADOR, EM FRENTE À ESTAÇÃO FERROVIÁRIA, ATÉ SEU DESAPARECIMENTO, EM 1986. FONTE: GOIÂNIA (2003). ...	8
FIGURA 2: SIMULAÇÃO DIGITAL DO MURAL 1, DO MONUMENTO AO TRABALHADOR, RECONSTRUÍDO. FONTE: GOIÂNIA (2003). ....	9
FIGURA 3: O MONUMENTO AO TRABALHADOR, NA PRAÇA DOS TRABALHADORES EM GOIÂNIA (FOTO DE 1962). FONTE: ACERVO DE HÉLIO DE OLIVEIRA.....	9
FIGURA 4: REPRODUÇÃO DE DETALHES DOS MOSAICOS DO MONUMENTO AO TRABALHADO. FONTE: AUTORIA DO ARTISTA PLÁSTICO CLÓVIS GRACIANO. ....	10
FIGURA 5: MANIFESTAÇÃO NA PRAÇA DO TRABALHADOR. FONTE: GOIÂNIA (2003) .....	11
FIGURA 6: PRAÇA DO TRABALHADOR. GOIÂNIA, 1961. FOTO: ALOIS FEICHTENBERGER. FONTE: MIS-GO (2018). ....	13
FIGURA 7: PRAÇA DO TRABALHADOR DE 2018.....	13
FIGURA 8: EVIDÊNCIAS DO MONUMENTO DO TRABALHADOR, IDENTIFICADO DURANTE AS ESCAVAÇÕES. FOTO DE ANDRESA MORENO .....	19
FIGURA 9: MAPA DE DELIMITAÇÃO E INTERVENÇÃO. FONTE: PROJETO DE RESGATE E MONITORAMENTO DA OBRA DE REQUALIFICAÇÃO DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE GOIÂNIA-GO (2018).....	22
FIGURA 10: ESCAVAÇÃO REFINADA DAS RAÍZES DA PALMEIRA PARA REMOÇÃO. FOTO: MARCELO IURY, 2018.....	24
FIGURA 11: ESCAVAÇÃO REFINADA DAS RAÍZES DA PALMEIRA PARA REMOÇÃO. FOTO: MARCELO IURY, 2018.....	24
FIGURA 12: ESCAVAÇÃO MANUAL NO ENTORNO DE PALMEIRA. ....	24
FIGURA 13: ESCAVAÇÃO MANUAL NO ENTORNO DE PALMEIRA. ....	24
FIGURA 14: AMPLIAÇÃO DE ESCAVAÇÃO NA PORÇÃO OESTE PARA EVIDENCIAÇÃO DE ESTRUTURA IMÓVEL TIPO PISO/CALÇAMENTO IDENTIFICADO. FONTE: FOTO DE MARCELO IURY, 2018.....	24
FIGURA 15: AMPLIAÇÃO DE ESCAVAÇÃO NA PORÇÃO OESTE PARA EVIDENCIAÇÃO DE ESTRUTURA IMÓVEL TIPO PISO/CALÇAMENTO IDENTIFICADO. FONTE: MARCELO IURY, 2018. ....	24
FIGURA 16: ESTRUTURA IMÓVEL DE POSSÍVEL ESPELHO D'ÁGUA QUE COMPUNHA O CONJUNTO ARQUITETÔNICO DO MONUMENTO AO TRABALHADO, IDENTIFICADA DURANTE PROCEDIMENTO PARA REMOÇÃO DE PALMEIRA. FOTO: MARCELO IURY, 2018. ....	25
FIGURA 17: ESCAVAÇÃO NA ÁREA DO POSSÍVEL ESPELHO D'ÁGUA QUE COMPUNHA O CONJUNTO ARQUITETÔNICO DO MONUMENTO AO TRABALHADO, IDENTIFICADO DURANTE PROCEDIMENTO PARA REMOÇÃO DE PALMEIRA. FOTO: MARCELO IURY, 2018.....	25
FIGURA 18: ESCAVAÇÃO DA SONDAGEM TD 49 SENDO REALIZADA. FONTE: MARCELO IURY, 2018. ....	26
FIGURA 19: ELEMENTO DE BLOCO ROCHOSO LAPIDADO IDENTIFICADO EM SONDAGEM TD 49, NO NÍVEL 50-60CM DE PROFUNDIDADE. FONTE: MARCELO IURY, 2018. ....	26
FIGURA 20: ESCAVAÇÃO DA ÁREA AMPLIADA NO CONTEXTO ESPACIAL DA SONDAGEM TD 49. FONTE: MARCELO IURY, 2018.....	26
FIGURA 21: ESCAVAÇÃO DA ÁREA AMPLIADA NO CONTEXTO ESPACIAL DA SONDAGEM TD 49. FONTE: MARCELO IURY, 2018.....	26
FIGURA 24: DETALHE DO MONUMENTO. FONTE: FOTO DE MARCELO IURY, 2018.....	28
FIGURA 25: PARTE DO MONUMENTO AO TRABALHADOR. FONTE: MARCELO IURY, 2018.....	28
FIGURA 26: DETALHES DO MONUMENTO AO TRABALHADOR. FONTE: MARCELO IURY, 2018.....	28
FIGURA 27: REGISTRO DO MONUMENTO. FONTE: ANDRESA MORENO, 2018. ....	29
FIGURA 28: REGISTRO DO MONUMENTO. FONTE: ANDRESA MORENO, 2018. ....	29
FIGURA 29: REGISTRO DO MONUMENTO. FONTE: ANDRESA MORENO, 2018. ....	29
FIGURA 30: REGISTRO DO MONUMENTO. FONTE: ANDRESA MORENO, 2018 .....	30
FIGURA 31: FIGURA 30: REGISTRO DO MONUMENTO. FONTE: ANDRESA MORENO, 2018.....	30

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	5
CAPÍTULO I .....	6
HISTÓRIA, LUGARES E MEMÓRIAS .....	6
CAPÍTULO II .....	15
A DEMOLIÇÃO DO MONUMENTO E A FORMAÇÃO DO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO .....	15
CAPÍTULO III .....	21
PESQUISA ARQUEOLÓGICA .....	21
3.1 Estruturas relacionadas aos vestígios do Monumento ao Trabalhador .....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

## APRESENTAÇÃO

Temos aqui o objetivo de estudar e discutir a área onde está localizado o Monumento ao Trabalhador e a Estação Ferroviária de Goiânia GO e trazer à tona a memória esquecida neste local, uma memória desse espaço público vivido pelos indivíduos de décadas atrás. Através de dados, documentos entender o motivo de várias intervenções ali executadas desde suas implantações até as mais recentes pesquisas arqueológicas. As camadas estruturais estão presentes no subsolo, mas a questão é que passam despercebidas por quem circula o lugar. O primeiro capítulo vai passar por uma noção histórica do monumento ao trabalhador, como e porquê de sua construção, características, e o que ocorreu durante sua existência, já no segundo capítulo trata do impacto de sua destruição e na formação do contexto arqueológico no subsolo do local e as consequências sociais relacionadas a memória, o terceiro capítulo explica como se deram as prospecções e expõe como foram feitas as pesquisas arqueológicas. O quarto capítulo traz dados, conclusões e as considerações finais.

## **CAPÍTULO I**

### **HISTÓRIA, LUGARES E MEMÓRIAS**

A área de estudo está localizada em uma cidade que passa por inúmeras transformações urbanísticas em função das ampliações realizadas para atender o cotidiano de uma capital, entretanto por traz das movimentações de uma cidade, existem inúmeras histórias e memórias que podem ser acessadas, por meio da cultura material.

A história está presente, mas de alguma forma não pode ser vista e entendida de forma imediata, assim, como as transformações e relações com as pessoas que vivenciaram os monumentos. A paisagem foi alterada no decorrer do tempo, e algumas gerações não tiveram oportunidade de percebê-las, neste sentido os resultados das pesquisas arqueológicas podem evidenciar estruturas e objetos que estiveram e estão presentes no monumento, viabilizando a rememoração de histórias que de alguma forma já foram esquecidas.

Para entendermos o contexto desta pesquisa estamos utilizando como fonte a discussão, trazida pela escavação e levantamento do Projeto de Resgate e Monitoramento da Obra de Requalificação da Estação Ferroviária de Goiânia GO, que também realizou as escavações do Monumento ao Trabalhador. Além das fontes relacionadas a arqueologia, também foi utilizado nesta pesquisa fontes e referencias ligadas a história de construção da capital. Conforme discutido por Dantas (2018) et all.

Goiânia é uma cidade que foi utopicamente planejada na década de 1930, em meio à Revolução Industrial. Segundo alguns pesquisadores, como Lima Filho (2006), Silva (2006) e Palacin (1976) a decisão de se construir uma cidade-capital para o Estado de Goiás esteve associada à insatisfação e impossibilidade de crescimento da antiga capital, a atual Cidade de Goiás, que apresentava intensas problemáticas relacionadas ao desenvolvimento urbano, como na infraestrutura, insalubridade, clima quente, topografia acidentada, isolamento, deficitário abastecimento de água, enfim, vários fatores emergentes que justificaram, portanto, a construção de Goiânia. (DANTAS, OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2018, p.12).

Seguindo o cenário político da época, o principal interventor do planejamento e construção de Goiânia foi Pedro Ludovico Teixeira, que nasceu na própria Cidade de Goiás, em 1891. Pedro Ludovico Teixeira era representante legal do Governo de Getúlio Vargas, então Presidente da República (LIMA FILHO, 2006).

No sertão e planalto do Estado Goiano, os dois planejaram juntos a instalação de uma nova capital, cujas categorias “Modernidade” e “Progresso” foram predominantemente consolidadas no planejamento de construção e urbanização de Goiânia. Estas categorias não estiveram associadas somente aos estilos materiais e conjuntos arquitetônicos, mas interferiram também no meio social dos que habitaram a cidade. (DANTAS, OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2018).

Durante o processo de construção da capital algumas representações foram consideradas como símbolo da tão almejada modernidade, dentre elas a ferrovia, que favoreceu o transporte de cargas e pessoas. Sendo que a estação ferroviária de Goiânia possibilitou o trânsito maior de pessoas oriundas de outras regiões do estado, que vinham em busca de melhores condições de trabalho e vida, sendo que inúmeras famílias se instalaram nos bairros populares próximos a estação.

A implantação da ferrovia no Estado de Goiás (entre 1909 e 1951) foi impulsionada pelo avanço econômico que abriu a fronteira oeste como forma de solucionar o problema de transporte e escoamento. Os antigos centros urbanos por onde passava a ferrovia tornaram-se polos econômicos do Estado. No entanto, mesmo com o moroso processo de implantação e todos os benefícios trazidos pelo seu funcionamento houve uma mudança na política de transporte que passou a privilegiar as rodovias o que levou ao abandono das ferrovias. (BORGES, 2011, p. 32)

A edificação da estação ferroviária foi construída no estilo art-déco e foi inaugurada em 1950 e desativada no fim da década de 1970. Com a extinção da Estrada de Ferro de Goiás, a locomotiva n.º 11, símbolo da estação, mais conhecida como Maria Fumaça, foi colocada como exposição na parte externa da antiga Estação. O prédio passou por várias reformas, em 1985, por exemplo, foi adaptado para atender as necessidades do Restaurante do Centro de Cultura e Tradições Goianas. Em 1987, foi criado o Centro Estadual de Artesanato de Goiás. A última reforma aconteceu em 1999 *apud* Flávio Cavalcanti (2005). O prédio é tombado pelo Governo do Estado em 1998.

Nesta área também esteve presente um importante marco da história da capital, o Monumento ao Trabalhador, que foi construído em 1959 e durante várias décadas foi palco de importantes movimentos sociais e políticos, porém foi ao longo do tempo intencionalmente, tendo suas histórias silenciadas, uma vez que era um local de lutas populares nem sempre foi visto com bons olhos, ou simplesmente ignorado por membros da elite, políticos e administradores públicos (BORGES, 2011).

O Monumento ao Trabalhador integrou junto a Estação Ferroviária de Goiânia, a paisagem do conjunto arquitetônico e simbólico da praça do trabalhador. Símbolo da sociedade que representava a classe trabalhadora. O descaso, a falta de manutenção do Monumento levaram aos poucos a sua perda de voz perante a sociedade, e por fim, a sua total destruição em outras configurações da paisagem da área.

Monumento ao Trabalhador, que existiu em Goiânia, entre 1959 e 1986. Numa primeira ordem, vêm à tona os discursos demandantes de sua edificação e que se mantêm afirmativos de força política até o destino que lhe coube, de destruição física e (risco de) desaparecimento na memória pública. (BORGES, 2017, p.349)

Por mais de três décadas o monumento ao trabalhador esteve presente no cotidiano das pessoas que circulavam na região e trazia na sua monumentalidade a história de mulheres e homens que discutiam pautas sociais econômicas neste espaço.

Em dois semicírculos defrontantes, quase completando um círculo perfeito. Cada semicírculo conectava oito colunas de sete metros de altura, como espetos, interligadas por um mural a que serviam de cavaletes. No conjunto, o monumento resultava em uma peça de arte com dois painéis sustentados nos cavaletes. Cada painel media 1,50m de altura, iniciando-se a 1,50m do chão, de modo a permitir boa visualização de suas imagens a pessoas de diferentes estaturas. Em simulação digital, as imagens mostram as formas e dimensões do monumento, tal como existiu nos anos 1960. (BORGES, 2017, p.346).



**Figura 1:** Simulação digital mostra a posição exata que o Monumento ao Trabalhador ocupava no centro da Praça do Trabalhador, em frente à Estação Ferroviária, até seu desaparecimento, em 1986. Fonte: Goiânia (2003).

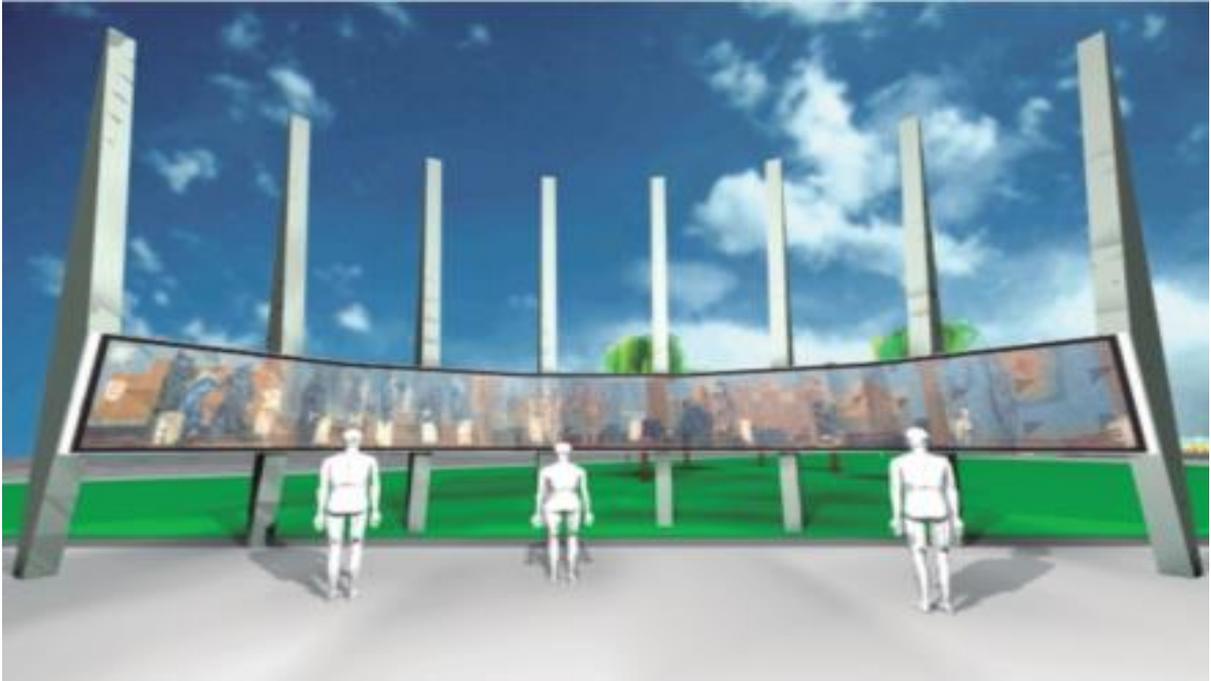


Figura 2: Simulação digital do Mural 1, do Monumento ao Trabalhador, reconstruído. Fonte: Goiânia (2003).

A expressividade do monumento ao trabalhador, também deixava no local importante assinatura de uma comunicação não verbal viabilizada por elementos vinculados a uma paisagem social, de representação de lutas da classe trabalhadora, que favorecem a fixação de memórias nos grupos que circulam neste espaço, que aqui é compreendido como espaço de grupos de pessoas pouco favorecidas no processo de modernização do urbano. Espelhos d'água em volta do monumento interagiam com a amplitude da praça, emprestando sensação de leveza e monumentalidade ao local.



Figura 3: O Monumento ao Trabalhador, na Praça dos Trabalhadores em Goiânia (foto de 1962). Fonte: Acervo de Hélio de Oliveira

Essas representações nem sempre são percebidas como positivas pelas lideranças, uma vez que podem ir de encontro aos interesses políticos e econômicos de uma elite, desta forma este espaço de resistência da classe trabalhadora ganhou uma obra artística que foi no período compreendida como algo negativo, mas que na realidade trazia a história da luta e repressão operária.

As reverências contundentes às lutas dos trabalhadores e ao mundo do trabalho autorreferidas no Monumento ao Trabalhador, e assim reconhecidas pelos agentes do campo político-cultural, traduziam o momento de avanços das lutas sociais no Brasil, ao final da década de 1950. Elas fornecem dimensão singular à obra artística através de várias cenas emblemáticas, particularmente no destaque dado à dos Enforcados de Chicago, episódio que lembra a repressão à greve de trabalhadores iniciada em 1 de maio de 1886, na cidade de Chicago e que três anos depois inspirou a instituição internacional do Dia do Trabalhador. (BORGES, 2017, p.365)

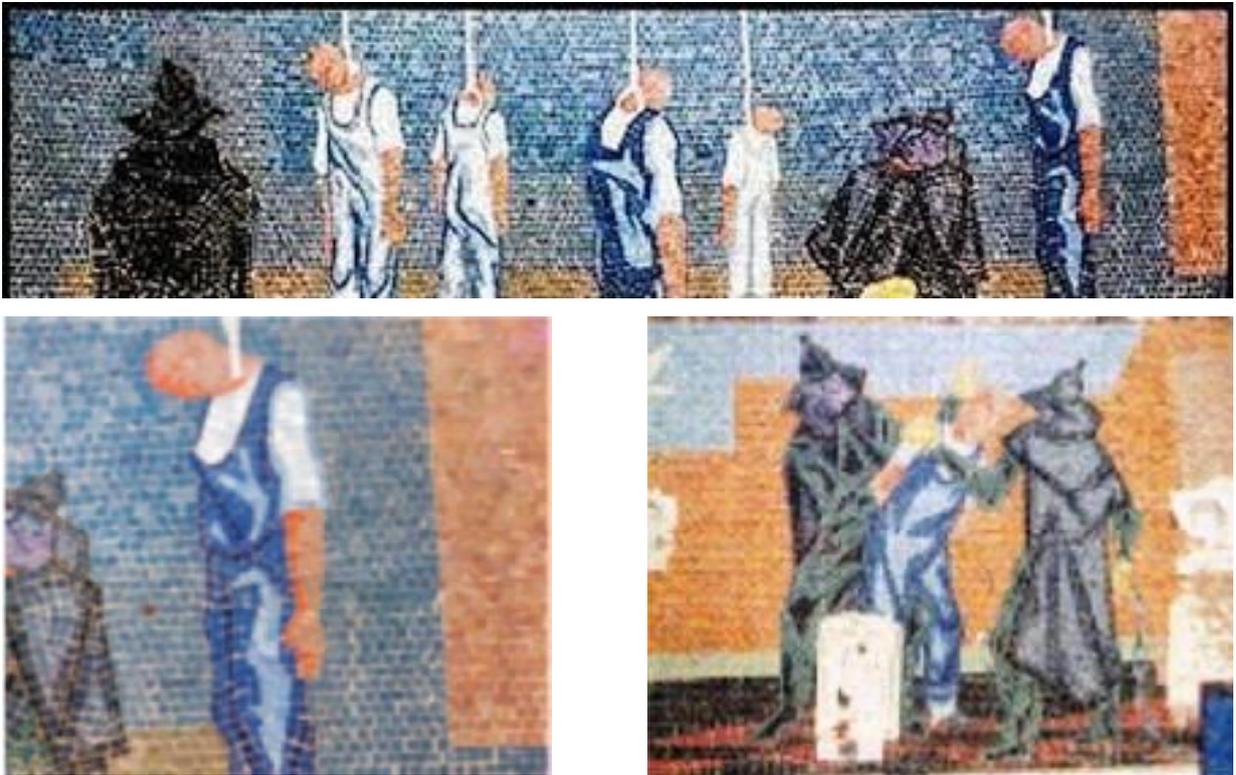


Figura 4: Reprodução de detalhes dos mosaicos do Monumento ao Trabalho. Fonte: A autoria do Artista Plástico Clóvis Graciano.



Figura 5: Manifestação na Praça do Trabalhador. Fonte: Goiânia (2003)

A forma de implantação do Monumento, bem como as mensagens explícitas no mosaico construído explicitava as reivindicações por direitos dos trabalhadores, em um período em que estava instalado no país processos intensos de repressão, desta forma a mensagem e comunicação deste local deixava claro que o monumento se tratava de um ponto de resistência e interlocução da classe trabalhadora.

O explícito teor ideológico impregnado às origens do monumento atraiu ações de hostilidade e o desinteresse das autoridades para protegê-lo. Anos depois, o autor dos cavaletes de concreto para os painéis do monumento, arquiteto Elder Rocha Lima, explicita uma boa medida dessa compreensão: “Na época, o termo ‘trabalhador’ era um palavrão e essa homenagem atraiu a ira da ditadura”. (BORGES, 2017, p.361)

As imagens dos painéis de pastilhas, foram confeccionadas pelo artista plástico Clóvis Graciano em mosaicos de pastilhas, com referências às “Lutas dos trabalhadores” e ao “Mundo do trabalho” (BORGES, 2017, p. 346)

Tanta representatividade não poderia neste momento passar em branco, a área da praça do trabalhador, bem como o Monumento e os grupos a eles associados precisa ser silenciados de forma que os ideais e conquistas das classes menos favorecidas fossem conquistadas. A destruição do monumento também trouxe uma importante comunicação, a de que a luta popular necessitava de ser enfraquecida.

Segundo Borges,

De início, a destruição e o sumiço do Monumento ao Trabalhador mostram a origem imbricada à repressão da ditadura militar de 1964. Entretanto, soa incompleto creditá-los apenas à ação repressiva. O trabalho iniciado pelo CCC foi concluído em contingências posteriores à ditadura e já

desvinculadas às práticas repressivas dos agentes e defensores daquele regime político. (BORGES, 2017, p.346)

Numa madrugada de abril de 1969, ativistas do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) derramam piche fervido nos dois murais. A pasta preta cobriu a quase totalidade das duas superfícies e apenas uma pequena parte dos desenhos permaneceu à vista. (BORGES, 2017, p. 361).

Neste momento fica explícito a intenção de não perpetuação das histórias que envolviam o movimento dos trabalhadores, tem se início de forma efetiva a não gestão desta área, diferente de outros pontos da cidade que passaram por cuidados por parte dos poderes municipais e estaduais.

Havia se iniciado aqui um processo violento de silenciamento da história, a sequência dos fatos converge para uma destruição completa do Monumento ao Trabalhador, fazendo com que esta impetuosa edificação desaparecesse da paisagem da praça da estação, da praça do trabalhador e por consequência da memória coletiva do povo goianiense.

Em 1986, com o país já vivendo a democratização e debatendo a “Constituição Cidadã”, Joaquim Roriz (nomeado prefeito da cidade após o afastamento do antecessor) encarrega-se de jogar ao chão as duas armações de concreto que serviam de sustentação aos antigos painéis. A alegação para o desmanche prendeu-se à falaciosa necessidade de desobstruir a extensão da Avenida Goiás para o norte da cidade, pois havia um projeto para a via seguir em linha reta, passando por baixo da Estação Ferroviária. A avassaladora força dos tratores dá forma à mentalidade tecnocrática na gestão urbana, consumando o desaparecimento material desse que foi não apenas um elemento distintivo da Praça do Trabalhador, mas o único símbolo do movimento socialista inscrito na paisagem urbana de Goiânia. (BORGES, 2017, p.361-362)

A ação de completa destruição do Monumento por meio da demolição traz também outras questões importantes a serem tratadas, pois buscou-se modificar a percepção que indivíduos tinham deste espaço. A retirada do monumento da lugar a um vazio na paisagem da praça do trabalhador e este também remete a não permissão de ocupação do local por uma classe social, buscando apagar a representatividade da edificação.



Figura 6: Praça do Trabalhador. Goiânia, 1961.  
Foto: Alois Feichtenberger. Fonte: MIS-GO (2018).



Figura 7: Praça do trabalhador de 2018

O lugar Praça do Trabalhador aos poucos deixa de ser habitado pelos seus verdadeiros interlocutores, se tornando um espaço vazio e de pouca representatividade social, com exceção das comemorações do dia do trabalho a praça é um local ermo, do qual os poderes públicos ainda não conseguiram até os dias atuais dar uma função específica para o local. Trata-se de uma área com uma edificação da qual os indivíduos não se relacionam a ponto do sentimento de pertença que possa favorecer a preservação da memória histórica.

O silenciamento da história do Monumento ao Trabalhador foi devastador para o processo de preservação do local, pois o grupo que se relacionava afetivamente com este espaço foi cerceado do direito de perpetuar e manter as suas relações de pertencimento e significado. Buscou-se o rompimento dos laços que envolvem a memória e a história de um lugar.

Segundo Catroga (2001),

existem três níveis de memória que se interligam e ocorrem numa relação entre o eu e o social: a protomemória relacionada aos automatismos do agir, a memória propriamente dita, vinculada à recordação e ao reconhecimento e a metamemória que compõe as representações que o indivíduo faz do que viveu. Esta última, vincula-se mais à memória coletiva e histórica. A memória e a metamemória reportam-se a como cada indivíduo se filia ao próprio passado, como constrói sua identidade e como se diferencia dos outros (p.15).

As edificações tem um papel muito importante de vinculação de pessoas e de memória, embora tenha ocorrido todo de silenciamento da memória por meio da transformação da paisagem, existem sempre cicatrizes que são deixadas e que viabilizam retomar as discussões da história de um povo. Além da paisagem o

subsolo das cidades guarda importantes informações que podem ser acessadas pela arqueologia. E é sobre este processo que irei discorrer nos próximos capítulos.

## **CAPÍTULO II**

### **A DEMOLIÇÃO DO MONUMENTO E A FORMAÇÃO DO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO**

O Monumento ao Trabalhador, ladeado por espelhos d'água, permaneceu oculto durante décadas, silenciado em um processo de reconfiguração pelo qual interesses e desinteresses o deixaram em condições de ruínas submersas ao solo. O registro do descaso governamental e político só pôde agora, ser evidenciado, quando passa a ser considerado contexto arqueológico. Desta forma, prospecções arqueológicas conseguem dar luz, a um histórico de resistência das estruturas que ali permanecem.

Ao se considerar que em 1969 foi derramado piche fervido nos painéis do Monumento ao Trabalhador, o que ocasionou que grande parte dos desenhos ficassem ocultos, em 1986, as duas armações de concreto que sustentavam os painéis das representações artísticas de Clóvis Graciano, foram totalmente por fim destruídas e retiradas para um possível projeto de extensão da avenida Goiás que acaba por não ser executado. (BORGES, 2017 Pg.12)

Assim com o aterramento sobre as estruturas restantes formam-se no contexto do subsolo, os vestígios que ficaram ocultos durante décadas.

Por ser um espaço dinâmico, em uma relação de longa duração que passam por transformações que interferiram na percepção e reformulação de conceitos arquitetônicos que refletem fragmentos de memórias de um espaço social ocupado por outras atividades comerciais e econômicas, os espaços passaram e passam a serem ocupados pela feira hippie, e em certos momentos moradores de rua, em uma configuração de uma enorme gama de significados daqueles que ali vivenciaram suas experiências.

O espaço urbano é um local de intensas transformações, é vivo, e a todo momento existem indivíduos escrevendo parte das suas histórias nas edificações, nas muretas, no traçado urbano dentre outros, podemos inclusive compreender o urbano a partir da ideia de palimpsesto.

As referências materiais são valiosos instrumentos que funcionam como âncora da memória coletiva, a Arqueologia em meios urbanos nos remete necessariamente a vertente denominada de Arqueologia Urbana, que por sua vez, provoca o surgimento de questões relacionadas a potencial arqueológico, riscos da destruição, instrumentos de preservação, o que e onde pesquisar, relação com a cidade e sociedade, entre outras. (TOCCHETTO, & THIESEN, 2007, p. 176-177).

As cidades e a formação urbana é area de estudo de vários campos do conhecimento, e no caso da arqueologia um terreno fértil para abordagens multiplas sobre contextos específicos ou não. As cidades guardam uma infinidade de informações que podem ser acessadas no momento que voltamos os nossos olhares para os detalhes que nos remetem a história de um grupo.

Segundo Costa,

No Brasil, os estudos na cidade começaram na década de 1980, em São Paulo, e da cidade na década de 1990, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Porém, muitas vezes de forma acidental, onde para preservar o impacto gerado por obras ao patrimônio arqueológico foram realizadas pesquisas também em meios urbanos. Em algumas cidades foram também realizados inventários do patrimônio arqueológico, gerando cartas do potencial arqueológico, que em alguns casos, foram incorporadas pelo poder público (Costa *apud* Tocchetto & Thiesen, 2007; Symanski, 2003 p.177).

No Estado de Goiás pouco se tem realizado pesquisas arqueológicas sistematicas nos núcleos urbanos históricos, cidades como Goiânia ainda necessita de uma olhar mais minucioso na perspectiva da arqueologia. Embora se trate de uma jovem cidade é necessário lançar o olhar para esse palco de representações que envolvem aspectos da história do lugar.

Conforme colocado por Lima (1989), o subsolo de uma urbe preserva informações importantes para se compreender aspectos sociais do cotidiano de um povo, é também importante não perder de vista que mesmo que estes locais sofram muitos impactos em decorrência da urbanização, ainda assim temos parcelas consideráveis do subsolo preservadas.

Outro ponto importante para pensar arqueologia em nucleos urbanos diz respeito a forma como conceituamos e compreendemos os sitios arqueologicos, este conceito tem sido amplamente discutido e a muito que arqueologia abandonou a matriz de se pensar os sitios a partir de objetos pertencentes a um passado longinquo.

Arqueologia é antes de mais nada uma ciência social que visa a partir da análise das materialidades que nos rodeiam contribuir para o conhecimento

da história da nossa espécie. Nesse sentido há muito que ela abandonou a sua matriz inicial de estudo das antiguidades, para assumir como âmbito da sua atividade a totalidade do espaço planetário e do tempo histórico até a atualidade. Há tanto uma arqueologia pré-histórica como existe por exemplo uma arqueologia contemporânea (JORGE, 2000, p.11).

A complexidade da ideia de entender a relação dos conceitos, junto, a fatores culturais, políticos que se entrelasam, na medida pela qual foram se revelando os vestígios que permaneciam ocultos no subsolo do Monumento ao Trabalhador, e assim, trazendo de volta uma visão arquitetônica outrora pensada, planejada, idealizada, erguida nas bases de um forte ideal da classe trabalhadora por melhores condições de salários, luta contra a informalidade, permaneciam sobrepostas por soluções urbanísticas vinculadas a interesses variados.

Neste sentido a área de estudo está em campo conceitual da arqueologia contemporânea e que tem a sua importância ancorada em conceitos que definidos por Meneses 1984.

Nesse caso, os critérios de significância estão ligados a problemáticas definidas. Além disso, é importante considerar que os critérios de significância não podem ser exclusivamente de ordem científica, sendo indicadas quatro áreas de significância: a arqueologia em geral, interesses da investigação regional, o público local e a significância em termos monetários. (MENESES, 1984, p.160-163).

Considerando a extensão de uma pesquisa arqueológica em uma determinada área, existe a necessidade de planejamento para o levantamento eficiente de informações. Sendo que o desenvolvimento de uma pesquisa, exige uma orientação que tenha relevância no que se refere as escolhas de significância arqueológica, estas escolhas estão associadas a consideração de critérios e problemáticas em que o arqueólogo tem a função de delimitar áreas, decidir o que resgatar, o que preservar e o que destruir conforme a intensidade a qual seja observado o valor como patrimônio cultural.

Cabe ressaltar alguns aspectos que envolvem a tomada de decisão na escolha de o que preservar e o que destruir. Na efetivação do trabalho, o arqueólogo enfrenta a necessidade de selecionar a área de resgate dentro dos limites da área impactada; estabelecer os critérios para a classificação dos vestígios de forma a recuperar o máximo de informações possíveis; e definir o grau de intensidade do resgate, conforme os recursos disponíveis e as problemáticas levantadas (MENESES, 1997, p. 163-165).

Para entendermos melhor a reflexão sobre a cidade, e de forma geral sobre patrimônio cultural, pode-se afirmar que toda a ação nesse campo não pode ficar à margem do cotidiano e do universo do trabalho. Para ele, tornar a cidade um bem cultural só tem sentido se for em uma perspectiva de luta para conquistar formas mais justas de relações entre os homens. Dessa forma, assinala quatro referenciais de valores culturais (MENESES, 1997, p.113-117).

Valores Cognitivos: estão relacionados às possibilidades de conhecimento. Os objetos com valor cognitivo devem servir para ampliar, aprofundar, reduzir, reorientar, etc. O conhecimento e a compreensão de fenômenos históricos. Foge-se de uma visão reducionista que procura encaixar tal item em um contexto previamente conhecido e estruturado, onde tudo é ordenado dentro de um esquema prévio e imutável.

- Valores Formais: são valores que estão vinculados às propriedades materiais dos objetos relacionados a funções estéticas. Entendendo funções estéticas como as possibilidades que determinadas características formais têm de potencializar a percepção em um dado contexto sócio-cultural ou induzir sensorialmente os homens a construir um universo de sentido.

- Valores Afetivos: caracterizam-se pelas relações subjetivas dos indivíduos em sociedade com espaços, estruturas e objetos. Estão ligados ao sentimento de pertença que se estabelece com o espaço e o tempo. Deve-se ter cuidado em não confundir o levantamento de valores afetivos, com estudos superficiais, a partir de pesquisas de opinião e entrevistas.

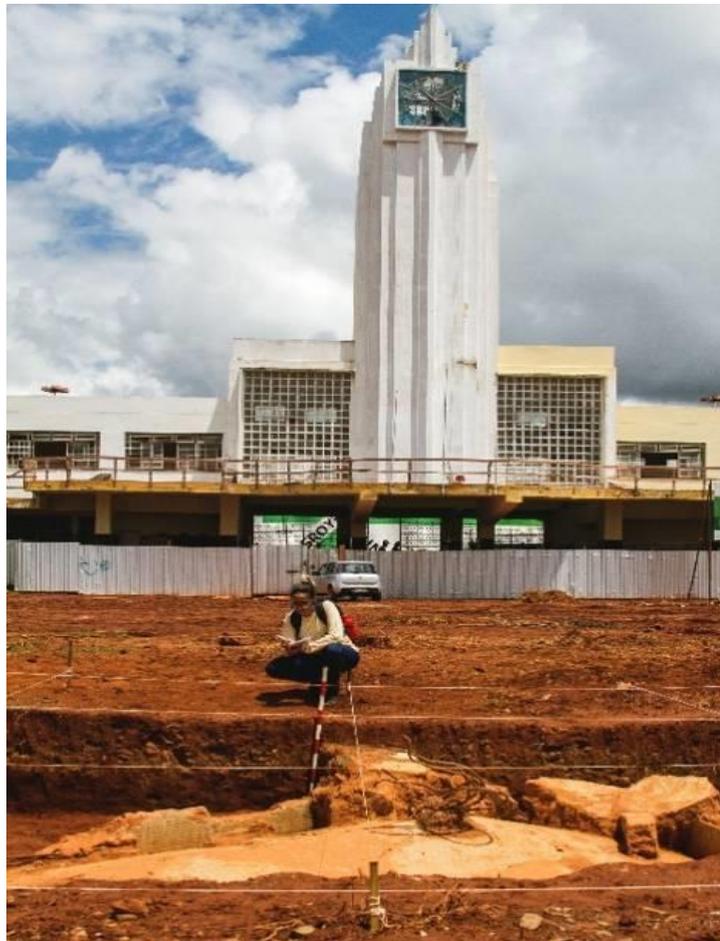
- Valores Pragmáticos: são os valores ligados ao uso, que privilegiam o potencial funcional de um espaço, estrutura ou objeto. São os mais marginalizados. Segundo Meneses, todo o patrimônio deveria ser preservado. Contudo, a substituição de uso sempre deve ser justificada. Dessa forma é importante certificar o esgotamento do potencial funcional do bem, a possibilidade dele ser maximizado, reciclado ou simplesmente mantido. Além disso, duas outras questões são relevantes, a quem interessa e quem responde pelo ônus. (MENESES, 1997. p.113-117).

Estes conceitos são elementos de extrema relevância para a presente pesquisa, pois, a praça do trabalhador, e a estação passaram pelo processo de patrimonialização, entretanto o Monumento ao Trabalhador devido aos desdobramentos políticos e históricos foi retirado do cenário de preservação e conseqüentemente integrou um processo de silenciamento de memória. Neste caso as ações de preservação não conseguiram alcançar a dimensão do Monumento, pois o mesmo foi demolido e somente após a pesquisa arqueológica, aspectos desta edificação foram recuperadas. Ainda sobre a discussão do patrimônio cultural horta coloca que,

O "patrimônio cultural" está na cabeça das pessoas e só tem sua existência garantida no momento em que é utilizado conscientemente pelos indivíduos,

como base para a interação na vida social, para o enriquecimento e o desenvolvimento da vida individual e coletiva, para o reforço de sua identidade, de sua auto-estima, de sua capacidade de decisão e Autodeterminação (HORTA, 2000, p.17)

Pensando na reflexão acima realizada é possível contextualizar melhor a Praça do Trabalhador neste contexto, uma vez que o processo de preservação dos elementos arquitetônicos sempre remete a um passado, que embora tenham tentado se apagar, efetivamente isso não acontece. Pois a preservação dos bens culturais depende muito da comunidade e da forma de o que significa e como ela se reconhece neste espaço. A existência da Praça do Trabalhador e da Estação Ferroviária de Goiânia, acaba por conectar as memórias referentes ao monumento do trabalhador, e é neste sentido que nós arqueólogos podemos contribuir, uma vez que a escavação no local deixa claro que tal estrutura ainda permanece naquele espaço, mesmo que tenha sido desconfigurada na tentativa de completa demolição.



**Figura 8: Evidências do monumento do trabalhador, identificado durante as escavações. Foto de Andresa Moreno**

As marcas e as evidências materiais não desaparecem com tempo, assim como a importância das lutas e conquistas adquiridas nos movimentos sociais, o contexto arqueológico está para a história, assim como as lembranças estão para a memória de um lugar, ou seja, de tão imponente o Monumento ao Trabalhador continua se conectando com as referências culturais da cidade, mesmo que esteja soterrado por sedimentos e interesses políticos.

Buscando realizar esta conexão entre pessoas e a cultura material trabalhada pela arqueologia busca-se no próximo capítulo apresentar a forma como a pesquisa foi organizada para identificar, este tão importante monumento.

### **CAPÍTULO III**

#### **PESQUISA ARQUEOLÓGICA**

Conforme exposto nos capítulos anteriores, vamos apresentar, agora as pesquisas em loco, apresentaremos os dados obtidos em campo e de que forma foram reveladas as estruturas, dando visibilidade a um Monumento oculto na década dos anos 80. As informações obtidas do Monumento ao Trabalhador, estão inseridas no projeto de Restauração e Monitoramento Arqueológico realizado em 2018 na Estação Ferroviária de Goiânia realizados pelos Arqueólogos, Cristiane Loriza Dantas, Fernanda Fonseca Cruvinel de Oliveira e Marcelo Iury de Oliveira. .

De posse das informações históricas do local a pesquisa arqueológica buscou a aplicação de ações metodologicas que pudessem contemplar a abordagem da arqueologia urbana e contemporânea, bem como identificar evidências de uma história que pouco se fala, e pouco se escreve e por consequência pouco se lembra.

Para visualização da area estudada apresenta-se abaixo o mapa de delimitação da área investigada. Conforme pode ser observado, trata-se de um recorte na configuração urbana da cidade.



Figura 9: Mapa de delimitação e intervenção. Fonte: Projeto de Resgate e Monitoramento da Obra de Requalificação da Estação Ferroviária de Goiânia-GO (2018)

A Investigação da área em questão foi realizada por meio de metodologias sistemáticas com espaçamento regular que teve como objetivo uma leitura ampla da área de pesquisa antes do início da escavação arqueológica. Um dos pontos principais da investigação residia na tentativa de identificar marcas e evidências do Monumento do Trabalhador que foi demolido em 1986, conforme já tratado na contextualização histórica. Os dados da pesquisa foram usados para realização deste trabalho.

Os arqueólogos utilizaram a metodologia sistemática que consistiram na execução de prospecção, com intervenções em subsuperfície (0,50 x 0,50m), sistematicamente definidas em intervalos de 20mts, sendo que se investigou as áreas do entorno do bem arquitetônico caracterizado pela Estação Ferroviária e Praça do Trabalhador.

No referido projeto de pesquisa, propôs-se a investigação interventiva em 52 pontos, as quais possuíam distanciamentos regulares de 20 metros entre elas. Considera-se que a aplicação dessa metodologia sistemática proporcionou obter

resultados mais confiáveis, pois são estatisticamente controlados e, portanto não tendenciosos.

As prospecções arqueológicas tiveram como objetivo a produção de dados científicos que pudessem apresentar parâmetros para interpretação do contexto arqueológico. No caso do sítio arqueológico Estação Ferroviária de Goiânia, as áreas de monitoramento e de prospecção arqueológica foram baseadas nas recomendações contidas no “Projeto de Resgate e Monitoramento da Obra de Restauração da Estação Ferroviária de Goiânia” (2018).

Assim, para cada área trabalhada, é importante mensurar a intensidade do procedimento que consiste no grau de detalhe com o qual a superfície de uma determinada área é prospectada (PLOG et al., 1978). Sendo assim, quanto menor o espaçamento entre as linhas, maior a possibilidade de identificação de vestígios arqueológicos.

### **3.1 Estruturas relacionadas aos vestígios do Monumento ao Trabalhador**

Além das prospecção a equipe também monitorou a retirada das palmeiras Imperiais, sendo que durante a remoção das mesmas observou-se a presença de estruturas arquitetônicas que pela localização poderia de tratar do tão importante Monumento ao Trabalhador.

Assim, a escavação para a retirada das palmeiras seguiu os mesmos critérios técnicos de escavação valas no entorno da palmeira (aproximadamente 2,0m x 50cm cada vala), formando um quadrado. Na ocasião, conseguiu-se identificar estrutura imóvel, a qual possivelmente se refere ao monumento ao trabalhador entre 50-60cm de profundidade. Trata-se de piso/calçamento rochoso (rocha arenítica lapidada) assentado de forma regular em sua horizontalidade (OLIVEIRA, 2018).

Após a identificação, decidiu-se prosseguir com ampliação da vala situada na porção oeste, de forma a obter melhor evidência da estrutura. Nesse sentido, foi realizada área de escavação com dimensões de 2m<sup>2</sup>. Assim, constatou-se a continuidade e segmentação do piso/calçamento (OLIVEIRA, 2018).



**Figura 10:** Escavação refinada das raízes da palmeira para remoção. Foto: Marcelo lury, 2018.



**Figura 11:** Escavação refinada das raízes da palmeira para remoção. Foto: Marcelo lury, 2018.



**Figura 12:** Escavação manual no entorno de palmeira. Fonte: Marcelo lury, 2018.



**Figura 13:** Escavação manual no entorno de palmeira. Fonte: Marcelo lury, 2018.



**Figura 14:** Ampliação de escavação na porção oeste para evidenciar estrutura imóvel tipo piso/calçamento identificado. Fonte: Foto de Marcelo lury, 2018.



**Figura 15:** Ampliação de escavação na porção oeste para evidenciar estrutura imóvel tipo piso/calçamento identificado. Fonte: Marcelo lury, 2018.

Durante monitoramento arqueológico realizado nas áreas das escavações executadas, observou-se a evidência de estruturas imóveis em outras duas palmeiras. Sendo que, também, podem estar relacionadas ao Monumento ao

Trabalhador. Uma estrutura trata-se, possivelmente, do espelho d'água que compunha o conjunto arquitetônico do monumento, haja vista que se observa revestimento característico desse tipo de estrutura. A outra estrutura refere-se, possivelmente, a meio-fio que contornava a passarela ou calçamento que ligava até a entrada do edifício da Estação Ferroviária de Goiânia (OLIVEIRA, 2018).



Figura 16: Estrutura imóvel de possível espelho d'água que compunha o conjunto arquitetônico do Monumento ao Trabalhador, identificada durante procedimento para remoção de palmeira. Foto: Marcelo lury, 2018.



Figura 17: Escavação na área do possível espelho d'água que compunha o conjunto arquitetônico do Monumento ao Trabalhador, identificado durante procedimento para remoção de palmeira. Foto: Marcelo lury, 2018.

Considerando a relevância do Monumento ao Trabalhador área onde foram localizadas as estruturas de concreto com pastilhas foram ampliadas, buscando compreender se as evidências ainda de encontravam preservadas.

Além das evidências identificadas com a retirada das palmeiras a unidade investigativa TD 49 também apresentou vestígios de concreto e pastilhas, corroborando a possibilidade de tratar do monumento do trabalhador.

Na sondagem TD 49, identificou-se a presença de bloco rochoso entre 50-60cm de profundidade. Devido à ocorrência, decidiu-se por realizar ampliação da sondagem, de 0,50 x 0,50m para 1,0 x 1,0m, de forma a evidenciar e avaliar o potencial arqueológico do achado. Nesse sentido, observou-se a presença de outros elementos construtivos e pastilhas de revestimento entre 10cm e 60cm de profundidade.

Para obter controle da escavação, considerou-se como "Ponto 0" a primeira unidade (1,0 x 1,0m), enquanto as demais, com as mesmas dimensões da primeira, foram nomeadas a partir das suas orientações cardeais (norte, sul, leste e oeste) e ordem terminologicamente numérica, por exemplo: TD 49-N1 (1,0 x 1,0m), TD 49-W1 (1,0 x 1,0m), e, assim, sucessivamente.

Assim, por estar configurada em local onde situavam as estruturas do Monumento ao Trabalhador, erigido em 1959 e demolido em 1985, devido ao valor simbólico e representativo, por fazer alusão ao episódio dos “Enforcados de Chicago”, uma chacina de 11 trabalhadores, decidiu-se por ampliar a área de escavação cujo objetivo concentrou-se na identificação de fundações ou demais estruturas referentes ao Monumento.



Figura 18: Escavação da sondagem TD 49 sendo realizada. Fonte: Marcelo lury, 2018.



Figura 19: Elemento de bloco rochoso lapidado identificado em sondagem TD 49, no nível 50-60cm de profundidade. Fonte: Marcelo lury, 2018.



Figura 20: Escavação da área ampliada no contexto espacial da sondagem TD 49. Fonte: Marcelo lury, 2018.



Figura 21: Escavação da área ampliada no contexto espacial da sondagem TD 49. Fonte: Marcelo lury, 2018.

A partir das unidades investigativas aplicou-se a metodologia de escavação de superfície ampla para tentar evidenciar a distribuição destas evidências tanto horizontalmente quanto verticalmente.

Conforme ressaltado, foram ampliadas sete (7) áreas de escavação, sendo três com ampliações de 1m<sup>2</sup>, duas com 8m<sup>2</sup>, uma com 6m<sup>2</sup> e uma com 16m<sup>2</sup>. As ampliações são decorrentes de achados de possíveis estruturas imóveis que pudessem estar associadas ao contexto paisagístico e arquitetônico da Estação

Ferrovária e Monumento ao Trabalhador (na praça, próximo à fachada frontal da Estação Ferroviária), como blocos rochosos, camada de brita e pó-de-brita que poderiam estar associados à fundação de ambos os monumentos arquitetônicos; camada de pedregulhos, que se encontravam alinhados horizontalmente, assemelhando a calçamento configurado no entorno do prédio da Estação Ferroviária; além de pastilhas de revestimento, que também poderiam estar relacionadas ao espelho d'água que agregava a contextualização arquitetônica do Monumento ao Trabalhador.



Figura 22: Detalhe do Monumento. Fonte: Foto de Marcelo Iury, 2018.



Figura 23: Parte do Monumento ao Trabalhador. Fonte: Marcelo Iury, 2018.



Figura 24: Detalhes do Monumento ao Trabalhador. Fonte: Marcelo Iury, 2018.



Figura 25: Registro do Monumento. Fonte: Andresa Moreno, 2018.



Figura 26: Registro do Monumento. Fonte: Andresa Moreno, 2018.



Figura 27: Registro do Monumento. Fonte: Andresa Moreno, 2018.



Figura 28: Registro do Monumento. Fonte: Andresa Moreno, 2018



Figura 29: Figura 30: Registro do Monumento. Fonte: Andresa Moreno, 2018

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as atividades de campo foram identificados materiais referentes ao tempo presente, tais como restos de embalagens, tampinhas de refrigerante, material metálico do tipo prego, dentre outros. Nestes casos os mesmos não passaram por curadoria e estão no laboratório para serem descartados, uma vez que se compreende que não existe a necessidade de acervamento deste tipo de material.

Também foram coletados da área de escavação do monumento amostras de material construtivo, principalmente as pastilhas que estavam soltas das estruturas. Trata-se de uma amostra com 89 fragmentos de pastilhas, 2 fragmentos de concreto e 3 fragmentos de manilha. Este material foi higienizado e acondicionado em sacos plásticos.

A área de escavação teve dimensões amplas de 6m<sup>2</sup>. As demais sondagens ampliadas revelaram ser positivas para existência de quantidades significativas de materiais construtivos e pastilhas de revestimento em cores distintas entre 10-50cm de profundidade. Entretanto, até o presente momento, não foi identificada a estrutura da fundação do monumento, haja vista que os vestígios mencionados se encontravam dispersos e fragmentados em contexto sedimentar. (DANTAS, OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2018)

As estruturas reveladas do Monumento ao Trabalhador representam a sociabilidade de uma classe, um grupo que se comunica com a cidade em geral, fazendo parte da vida cotidiana em uma remota paisagem.

No caso do Monumento ao Trabalhador, as escavações realizadas na área revelaram a intensidade da destruição das estruturas que compunham o conjunto arquitetônico do bem, sendo que foram identificados vestígios de materiais construtivos, pastilhas de revestimentos com colorações distintas e blocos rochosos manipulados, com dimensões quadriculares e regulares, porém reconfigurados e dispersos em contexto estratigráfico, ou seja, sem padronização. (DANTAS, OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2018).

Assim pode se perceber como as necessidades contemporâneas de se adaptar a novas perspectivas acabam por impactar as memórias e os significados do Monumento.

Nesta perspectiva, a leitura que se pode fazer da cultura material está vinculada às referências arquitetônicas que podem ser observadas através de fotografias da paisagem local. Assim, considera-se que os elementos identificados durante as escavações tiveram correspondência com estas referências, seja pela identificação de fragmentos construtivos ou pela observação quanto à intensa descaracterização dos mesmos. DANTAS, OLIVEIRA, OLIVEIRA (2018).

Contudo, a interpretação que vem sendo elaborada considera o contexto como um todo, extrapolando as características intrínsecas próprias aos objetos materiais, alcançando seus aspectos extrínsecos que dizem respeito ao contexto temporal, espacial ou funcional (GALLAY, 1986).

A cada novos Gestores públicos, sempre se colocam novos posicionamentos no que se refere a manutenção de monumentos, nomes de ruas, escolas e as mais variadas instituições. A esta condição se estabelece o esquecimento, gradativo e contínuo na memória das classes sociais participantes da construção dos espaços públicos. A cada novo governo sempre se sugere através da câmara de vereadores, a definição de novos nomes de instituições, logradouros, vias públicas.

O Monumento ao Trabalhador também se inclui neste tipo silenciamento, pois não se tratava até então de adequações e de alterações de vias para melhor fluxo de veículos ou locomoção de pedestres no local do monumento. Neste sentido a aplicação teórica da Arqueologia Urbana, nos permite dar visão e reflexão dos significados pela qual a classe dos trabalhadores podia se perceber como participante ativo de um movimento de reivindicações por melhores condições de direitos sociais em meio o complexo urbano.

## REFERÊNCIAS

- BORGES, Barsanufu G. **Ferrovia e Modernidade**. Dossiê Ferrovias/UFG, dez. 2011.
- BORGES, Pedro Célio. Mudanças urbanas e fragilidades da política de memória (a destruição do Monumento ao Trabalhador). **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 2, Brasília, 2017.
- CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto Editora, p.15-18, 2001.
- COSTA, D. M. O urbano e a Arqueologia: uma fronteira transdisciplinar. **Vestígios. revista latino-americana de arqueologia histórica**, v. 8, p. 46-71, 2014.
- DANTAS, Cristiane Loriza; OLIVEIRA, F, C, O; OLIVEIRA, M, Y. **Relatório final do projeto de resgate e monitoramento arqueológico da obra de requalificação da Estação Ferroviária de Goiânia-GO**, 2018.
- GALLAY, Alain, L'Archéologie demain. Ed.Pierre Belfont. 1986.
- HORTA, Maria. "Patrimônio Cultural e Cidadania" in: **Museologia Social**. Porto Alegre, UE/ SMC, p. 11-20, 2000.
- JORGE, Vítor Oliveira. **Arqueologia, Patrimônio e Cultura**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- LIMA FILHO, Manuel Ferreira; BEZERRA, Márcia. Os caminhos do Patrimônio no Brasil. Goiânia; Editora Alternativa, 2006.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. "Cidade, práticas museológicas e qualificação cultural." in: **Anais do 2º Congresso Latino Americano sobre a Cultura Arquitetônica e Urbanística**. Porto Alegre: Unidade Ed.SMC, p. 113-117, 1997.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. "O patrimônio cultural entre o público e o privado." in: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: SMC-DPH, 1992b. p. 193.
- MENESES, Ulpiano. "Identidade cultural e arqueologia." in: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 20, p. 33-36, 1984.
- TOCCHETTO, F. & THIESEN, B. A Memória Fora de Nós: A Preservação do Patrimônio Arqueológico em áreas urbanas. In: LIMA, Tânia A. (org.). Dossiê: Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. v. 37, 2007.

**RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE**

• **ANEXO I**  
**APÊNDICE ao TCC**

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante **Marco Aurélio Gomes Leite** do

Curso de Arqueologia, matrícula 20172006400127 , telefone: 62994576470  
e-mail - marcoarque26@gmail.com , na qualidade de titular dos  
direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de  
Conclusão de Curso  
intitulado Arqueologia , gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5  
(cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de  
computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE,  
MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins  
de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada  
nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 25 de junho\_de 2021 .

Assinatura do(s) autor(es):



Nome completo do autor: Marco Aurélio Gomes Leite

Assinatura do professor-orientador: 

Nome completo do professor-orientador: **Cristiane Loriza Dantas**